

INÉDITO DE ALEXANDRE MORUJÃO

APRESENTAÇÃO

A conferência inédita que a seguir se apresenta – e que não foi incluída nos *Escritos Filosóficos* de Alexandre Fradique Morujão, publicados pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda – foi pronunciada a 8 de fevereiro de 1988, em Fátima, na presença de professores de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa e de diversas autoridades eclesiásticas. O seu objetivo era proceder a uma apresentação da visão do autor sobre a situação do ensino e da investigação filosóficos em Portugal.

Pronunciada há 25 anos atrás, esta conferência reflete uma situação da filosofia no nosso país que já não é bem a de hoje, quer no que respeita à sua presença nas várias universidades portuguesas, quer no que respeita às suas tendências dominantes, quer ainda no que se refere à produção científica nacional, tanto no plano editorial, como no plano de centros de estudo e grupos de investigação. Não nos parece, ainda assim, um texto desprovido de interesse e de alguma atualidade. Entre os fatores de atualidade que nele facilmente detetamos poderíamos mencionar a referência à necessidade do cultivo da filosofia tendo por base os seus autores historicamente mais representativos, a importância do diálogo entre a filosofia e a ciência, ou a crítica demolidora a um certo modo de fazer filosofia em Portugal, numa referência à chamada Filosofia Portuguesa, em que, muitas vezes – nas palavras do autor –, «modestos pensadores [são] promovidos a filósofos geniais».

O texto manuscrito, escrito a tinta azul, apresenta diversas correções, em geral pouco significativas, na sua maioria a tinta preta. Não tendo o texto original sido publicado, não é possível asseverar se elas terão sido introduzidas pelo autor antes da sua leitura, ou se o terão sido depois, em revisão destinada a uma eventual publicação. Estas correções são fundamentalmente de dois tipos: acrescentos e complementos à primeira redação, por um lado, pequenas alterações no texto, por outro, consistindo estas últimas, na maioria dos casos, em substituição de palavras ou em pura e simples eliminação de algumas

curtas frases. Relativamente a algumas frases eliminadas é possível garantir que o foram ainda no decurso da primeira redação, uma vez que a rasura tem a tinta da mesma cor do texto original e muitas delas, estando incompletas, mostram que o facto da sua eliminação significa que o pensamento do autor seguiu por uma outra via. Registamos estas correções recorrendo aos seguintes procedimentos simples:

◇ Acrescentos à primeira redação.

□ Texto alterado relativamente à primeira redação. O original rasurado, nos casos de ser legível, é reproduzido em nota de rodapé.

Introduzimos ainda algumas alterações na pontuação e escrevemos por extenso, para uma melhor compreensão, o significado de algumas siglas de que se serviu o autor.

A revista *Phainomenon* agradece ainda às herdeiras de Alexandre Fradique Morujão, as Doutoradas Daniela Morujão e Maria do Rosário Morujão, a permissão para a publicação deste texto.

Carlos Morujão

CONFERÊNCIA

Eminentíssimo Sr. Cardeal Patriarca,

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Arcebispos e Bispos,

A situação atual da Filosofia entre nós só poderá compreender-se suficientemente remontando à reforma pombalina da Universidade e à expulsão das ordens religiosas em 1834. O tempo disponível obriga a ter pretensões mais modestas e para a nossa situação de hoje, quanto à filosofia, poderá dizer-se condicionada por dois fatores de importância capital. O primeiro prende-se com a lição do Segundo Concílio do Vaticano e dos documentos pontifícios a ela associados e que vão desencadear um movimento de renovação, traduzido, no plano cultural, numa abertura de informação e de estudo de correntes de pensamento e de opinião e numa análise das várias correntes ideológicas político-sociais. O segundo facto relaciona-se com as alterações político-ideológicas registadas a partir de 1974. Graças a esta abertura, o movimento editorial intensifica-se, <muito especialmente> no campo da filosofia e disciplinas afins, e acelera-se extraordinariamente em tempo relativamente curto. As traduções, pois de traduções se trata, que não de originais portugueses, sucedem-se apressadas e, por isso, deficientes, quase todas feitas a partir do francês, numa tentativa de preencher lacunas e oferecendo matéria quase na totalidade de doutrinação marxista-leninista; a par de algumas obras de Marx, Engels e Lenine e de outros «dii minores», enfileiram<-se> títulos de autores secundários e mesmo secundaríssimos, com intuitos claros de doutrinação político-social, pois nada de filosófico encerram, ou revelando apenas oportunismo de editores.

A recente entrada de jovens no Ensino Superior, cuja preparação no campo das línguas estrangeiras é calamitosa, e a criação de novas Universidades é outro fator determinante do incremento editorial na área da filosofia. As traduções vão-se alargando de temas ideológicos a obras de carácter mais geral e isento, são elaboradas com maior cuidado e [selecionadas segundo um critério pragmático].¹ A crescente desvalorização do escudo obriga a traduzir muitas obras para satisfazer as exigências do mercado universitário, traduções

¹ «[...] e segundo um critério pragmático de seleção.»

agora feitas com maior rigor científico e apresentação adequada. Esta atividade editorial, que por vezes atinge notável qualidade, cobre especialmente as áreas da lógica e da epistemologia e alguns setores da filosofia moderna e contemporânea. Quase não há referência meritória ao pensamento medieval, nem mesmo se revela uma linha de orientação cristã suficientemente nítida. Basta dizer, por exemplo, que não conheço tradução alguma de uma obra fundamental de metafísica clássica de orientação cristã, nem mesmo de qualquer outra orientação.

De entre os editores de obras filosóficas, merecem citar-se a Imprensa Nacional, onde se têm [dado à estampa]² algumas obras portuguesas de inegável valor; a Fundação Calouste Gulbenkian, com a tradução de Kant, Platão, Wittgenstein e alguns manuais universitários de real mérito; as Edições 70, com cuidadas traduções de Leibniz, Kant, Husserl e Descartes; a Editorial Verbo, a Dom Quixote e a Presença.

A despeito do grande número de universidades criadas, o cultivo da filosofia encontra-se ainda limitado à Universidade de Coimbra, às universidades Clássica e Nova de Lisboa, às universidades do Porto e dos Açores. Tem expressão, embora marginal, na Universidade do Minho e [está presente],³ de forma [dignificante],⁴ na Universidade Católica Portuguesa. Excetuando esta última, de orientação cristã sólida e aberta, as demais universidades do estado e, por isso, a-confessionais, podem, conforme a posição dos professores, veicular valores cristãos ou, pelo menos, respeitá-los, tanto no ensino como na pesquisa [filosófica],⁵ sem que, por isso, a sua atitude filosófica seja menos isenta. Ora uma falta de isenção, que se traduziu em franca atitude anticristã, foi o que aconteceu num passado recente.⁶ A liberdade de cátedra, muitas vezes associada à imaturidade do docente, não raro imprimiu uma coloração ideológica ao ensino. Está na recordação de todos vós o verdadeiro assalto às Universidades por parte de indivíduos totalmente incompetentes, mas protegidos por poderosas influências ideológicas das esquerdas, desde comunistas a anarquistas, formando grupos que <entre si se> guerreavam. Embora focos de ideologização da filosofia se mantenham ainda em algumas universidades, já se ultrapassou a fase mais violenta (já não se exige hoje como norma a aceitação dogmática de Marx e de Althusser) e isto em grande parte graças aos

² Original: «editado».

³ Original ilegível.

⁴ Original: «eminente» (leitura provável).

⁵ Original rasurado.

⁶ No original, iniciava-se aqui um período gramatical, posteriormente rasurado, que se iniciava por: «Todos nos recordamos do verdadeiro assalto às Universidades por».

próprios estudantes, desiludidos pela qualidade do ensino ministrado e temas desenvolvidos, completamente alheios às matérias a professor.

Se agora nos interrogarmos pelos problemas pelos quais manifesta maior interesse o estudante universitário, uma característica se evidencia: em geral manifesta certa repugnância pelo estudo exclusivamente histórico da filosofia. Mesmo os temas clássicos têm de ser apresentados por um prisma de atualidade. A filosofia é tomada a sério <e, por isso, tem de ser de hoje>. Para muitos estudantes é quase tomada como uma doutrina de salvação, pois deve [dirigir-se]⁷ à totalidade do real e, por isso, lhes impõe uma via racional de conduta.

[Graças a essa atitude]⁸ as questões de filosofia contemporânea veiculadas por autores como Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Lévinas, Ricœur, as atuais filosofias dialógicas, a fenomenologia e a hermenêutica, em que se faz apelo a um sagrado, por vezes apenas simbólico, são estudadas com interesse e evidenciada a sua dimensão religiosa. Outros estudantes, embora em menor número, inclinam-se para as questões de epistemologia científica, interessados nas problemáticas de Popper, Bachelard, Carnap, Wittgenstein e vêm com ceticismo qualquer problemática de tipo metafísico. <É neste domínio que se mantém ainda vivo o espírito positivista que dominou o século passado e se manteve, com características diferentes, na primeira metade deste século.>

Passemos agora às orientações fundamentais da reflexão filosófica em Portugal. E comecemos pela Universidade, principal instituição geradora de cultura. Não poderemos encontrar linhas de orientação muito bem definidas, mas antes um pluralismo muito acentuado.⁹ Intensifica-se uma dimensão da antiga disciplina de teoria do conhecimento, dando origem à disciplina de *epistemologia*, que é mais do que um nome, pois se transforma em área efetiva de investigação filosófica. Além disso, como doutrina [conformadora]¹⁰ de investigação e ensino surge o *materialismo dialético*, hoje já em <certo> declínio, como já frisámos. Se alguns docentes há partidários desta orientação, professam-na à margem das correntes dominantes <a saber>: a fenomenologia e a hermenêutica orientadas metafisicamente, as investigações em torno de Kant e do idealismo alemão, e ainda, embora em muito menor grau, os estudos sobre a história da filosofia em Portugal.

⁷ No original: «apresentar um objeto que se reporte».

⁸ No original: «Por isso». A expressão não foi rasurada, mas sim colocada entre parêntesis.

⁹ No original, inicia-se aqui um período gramatical que foi posteriormente rasurado: «Mantêm-se as orientações já existentes, sem nada que apareça radicalmente novo.»

¹⁰ No original: «enformadora».

Deixamos para último lugar a Universidade Católica Portuguesa. Com programas de ensino análogos aos das restantes universidades, os seus estudos filosóficos remontam ao ano de 1934, <quando se instalou em Braga o Instituto Superior de Filosofia Beato Miguel de Carvalho> e desde então vem desenvolvendo na cultura portuguesa uma função cristalizadora decisiva, apresentando um ensino e uma investigação de alta qualidade, centrados numa conceção neo-tomista, de grande abertura, no espírito de Maréchal, Lotze, Rahner, Max Müller, e em íntima ligação com as correntes fenomenológicas e hermenêuticas.

À margem das universidades, onde um pluralismo de posições filosóficas é por vezes excessivo, e da Universidade Católica, com a presença insofismável de valores cristãos, uma orientação está ainda muito presente na Cultura Filosófica Portuguesa que não devemos deixar de assinalar: o movimento chamado da Filosofia Portuguesa. A convicção, um pouco hegeliana, de que uma nacionalidade se firma numa cultura própria e esta, no seu núcleo autêntico, será uma conceptualização de ordem filosófica, juntamente com a reflexão sobre o pensamento de Leonardo Coimbra, o ideário da Renascença Portuguesa, entre outros fatores, levou a buscar <uma filosofia genuinamente nacional>¹¹ como entranhada na poesia, no teatro, no romance, na literatura em geral e, ainda, em modestos pensadores promovidos a filósofos geniais. Ideias estas do grupo da Filosofia Portuguesa, expostas frequentemente com grande brilho literário, mas que não atingem, em nossa opinião, formulação conceptual rigorosa, nem justificação histórica adequada, esgotando-se, no melhor dos casos, numa visão poética do mundo. De salientar, porém, junto ao fervor nacionalista, um respeito pelos valores cristãos e mesmo a sua presença.

Para as dimensões do nosso país, não podemos afirmar que o interesse pela filosofia seja diminuto. Nunca houve tanta conferência de pensadores estrangeiros, tantos colóquios e simpósios, como hoje em dia. Não há jornal algum de Letras e Artes que não reserve um espaço, por mínimo que seja, a problemas filosóficos. As revistas de cultura, da *Brotéria* ao *Vértice*, não dispensam a colaboração filosófica. As revistas universitárias, *Biblos*, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, *Didaskalia*, inserem produção filosófica de alto nível. Algumas delas, como a *Revista da Faculdade de Letras do Porto* e *Arquipélago*, da universidade açoriana, subdividiram-se em série de ciências humanas e em série de filosofia. Ao lado destas, como revista especializada, assume importância capital a *Revista Portuguesa de Filosofia*, da Uni-

¹¹ Esta parte da frase, acrescentada na segunda redação do texto a seguir a «buscar», foi deslocada do final deste período, onde inicialmente se encontrava, logo a seguir a «geniais».

versidade Católica, que dispensa quaisquer comentários. Mas também outras surgiram, quase sempre de existência efêmera, reunindo grupos, congregando interesses filosóficos incipientes, exprimindo orientações determinadas. Por exemplo, a *Revista da Sociedade Portuguesa de Filosofia*, *Análise*, *Filosofia e Epistemologia*, *Crítica – Revista de Filosofia Contemporânea* e *Logos* (revista de professores liceais de filosofia).

Além de revistas e edições temos ainda algumas sociedades filosóficas: a *Sociedade Portuguesa de Filosofia*, fundada em 1974 e de origem nitidamente marxista; a *Associação Portuguesa de Estudos Kantianos*, extensão da alemã *Kantgesellschaft*, o *Centro de Estudos Fenomenológicos* e a *Sociedade Científica da UCP*, com a sua secção de filosofia.

Uma referência ainda à filosofia no ensino secundário; [servida por alguns]¹² excelentes professores, o aumento da população escolar obrigou a recrutar como agentes de ensino indivíduos sem habilitações completas e outros em que a atividade ideológica se sobrepunha à do ensino. Com programas mal elaborados, sem espírito filosófico e que raras vezes se cumprem, a formação dos alunos secundários deixa muito a desejar e, por vezes, é razão de muitos estudantes <chegados à> [universidade]¹³ virem a ter desprezo pela filosofia e seus problemas. Há que reformar capazmente todo este setor do ensino propedêutico da filosofia.

Toda esta efervescência que se nota na atividade filosófica portuguesa se, por um lado, traduz algo de positivo, por outro lado, revela ainda uma insegurança de rumos a tomar. Todo este pluralismo, que em si mesmo é salutar, desenvolve-se atraído por dois polos: o polo do agnosticismo, positivismo e mesmo materialismo; outro, de abertura integral para o que é, de tendência espiritualista, mas ainda insuficientemente definido. A discriminação de vários planos de reflexão filosófica é ainda pouco nítida, a distinção entre filosofia e outras formas de cultura insuficientemente clara. Além disso, esse pluralismo encontra-se, por vezes, contaminado por ideologias. «Há pois que repensar com o suor do rosto os problemas de hoje e de sempre» – escreveu um dia o professor Joaquim de Carvalho – «para que se desentorpeça a sonolência que nos ficou das indigestões positivistas e, acima de tudo, se alcance a temperatura que esterilize à nascença os gérmes das simulações pedantescas e das ignorâncias atrevidas.» Estas palavras do saudoso mestre apresentam bem todo um programa a realizar e fixam com perfeição o projeto que a Universidade Católica e a sua Sociedade Científica é chamada a realizar.

¹² Original ilegível.

¹³ No original: «universitários».

Há, naturalmente, filosofias cristãs, não-cristãs e mesmo anticristãs. Mas enquanto filosofias <*tout court*> encontram-se no mesmo plano e o diálogo, embora difícil, é possível e necessário. Há <ainda> que realizar encontros interdisciplinares, que confrontem e aproximem pontos de vista da ciência e da filosofia, delimitando com rigor as suas áreas de validade. Colóquios que esclareçam a importância das modernas problemáticas e estabeleçam o valor da tradição no campo da filosofia.

É a um começo desta atividade que a Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa se está consagrando, especialmente pela sua secção de filosofia. Os colóquios sobre «O pensamento de Leonardo Coimbra», de novembro de 1986, sobre «Filosofia e tradição humanística», de outubro de 1987, e o aparecimento, previsto para o corrente ano, do 1.º volume de *Logos. Enciclopédia Luso-brasileira de Filosofia*, destinada a definir e esclarecer conceitos, corrigir pontos de vista, apresentar o valor possível do passado luso-brasileiro no campo filosófico e fazer prospeção das atuais problemáticas são ¹⁴ disso claro testemunho.

Fátima, 8.2.88

Alexandre Morujão

¹⁴ Segue-se uma palavra rasurada ilegível.

Eminentíssimo Sr. Cardinal Patriarca

Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Arcebispos e Bispos

A situação actual da filosofia entre nós só poderá compreender-se sufficientemente, remontando à reforma pombalina da Universidade e à expulsão dos ordens religiosos em 1834. O tempo disponível obriga a ter pretensões mais modestas e pousa a nossa situação de hoje, quanto à filosofia, sobre a dizer-se condicionada por dois factores de importância capital. O primeiro prende-se com a criação do segundo Comité do Vaticano e dos documentos pontifícios a ela associados e que vão desencadear um movimento de renovação, fructificado no plano cultural numa abertura de informação e de estudo de conceitos de pensamento e de opinião e em análise das várias correntes ideológicas politico-sociais. O segundo facto relaciona-se com

d

as alterações político-ideológicas registadas a
 partir de 1974. Graças a esta abertura o movi-
 mento editorial intensifica-se muito especialmente no campo da filosofia
 e disciplinas afins e avela-se extraordinariamente
 em tempo relativamente curto. As traduções, pois
 de traduções se trata, que não de originais portugueses
 sucedem-se apressadas e por isso deficientes, ~~quase~~
 quase ^{todas} feitas a partir do francês, numa tentativa
 de preencher lacunas e oferecer matéria quase
 na totalidade de continuação marxista-leninista; e
 a par de algumas obras de Marx, Engels e Lenin
 e de outros "dii minores" empileiram-se títulos de
 autores secundários e mesmo secundaríssimos,

3

com intuições claras de continuação político-social, por nada de filosófico encerram ou revelando apenas oportunismos de editores.

A recente entrada de jovens no ensino superior, cuja preparação no campo das línguas estrangeiras é calamitosa e a criação de novas Universidades é outro factor determinante do incremento editorial na área da filosofia. As traduções não se alargando de temas ideológicos a obras de carácter mais geral e isento, são elaboradas com maior cuidado e seleccionados segundo um critério pragmático da ~~educação~~. A recente desvalorização do ensino obriga a traduzir muitas obras para satisfazer as exigências do mercado universitário, traduções agora feitas com

4

maior rigor científico e apresentação adequada. Esta actividade editorial, que por vezes atinge notável qualidade, cobre especialmente as áreas de física e de epistemologia e alguns sectores da filosofia moderna e contemporânea.

Quase não há referência meritória ao pensamento medieval, nem mesmo se revela uma linha de orientação cristã suficientemente nítida. Basta dizer, por exemplo, que não conheço tradução alguma de uma obra fundamental de metafísica clássica de orientação cristã, nem mesmo de qualquer outra orientação.

De entre os editores de obras filosóficas merecem citar-se a Imprensa Nacional, onde

5

re têm ^{dado à estampa} ~~algumas~~ algumas obras portuguesas de
 inegável valor ~~de mérito~~; a Fundação Calouste Gulbenkian
 com a tradução de Kant, Platão, Wittgenstein e
 alguns manuais filosóficos universitários de not
 mérito. As edições são com cuidadosas traduções
 de Leibniz, Kant, Hegel, Senoart, a Editorial
 Verbo, D. Quixote e Presença.

A despeito do grande número de Universi-
 dades unidas o cultivo da filosofia encontra-se
 ainda limitado à Universidade de Coimbra,
 às Universidades clássica e nova de Lisboa, às
 Universidades do Porto e dos Açores, tem expressão,
 embora marginal na Universidade do Minho
 e ^{está presente} ~~está presente~~ de forma ^{difícil} ~~em~~ na Universi-

6

cidade Católica Portuguesa. Exceptuando a última de orientação cristã solida e aberta, as demais, Universidades do Estado e por isso a-confessionais podem, conforme a posição dos professores, utilizar valores cristãos ou pelo menos respeitá-los, tanto no ensino como na pesquisa ~~científica~~ nem que, por isso, a sua atitude filotípica seja menos isentada. Ora sua falta de isenção, que se traduziu em franca atitude anti-cristã foi o que aconteceu nos primeiros anos. ~~Tudo os recordamos da sua atitude assulta às Universidades por~~ A liberdade de cátedra, muitas vezes associada à imaturidade do docente, não raro imprimiu uma orientação ideológica no ensino. Esta na

7

recordação de todos nós o verdadeiro anelão
às Universidades por parte de indivíduos to-
talmente incompetentes, mas protegidos por
poderosas influências ideológicas das esquerdas,
desde comunistas a anarquistas, formando
grupos que ^{então se} guerreavam. Embora ~~fosse~~ ^{de} ~~ideolo-~~
gização da filosofia se mantenha ainda em
algumas universidades, já se ultrapassou a
fase mais virulenta (já não se exige hoje como
norma a aceitação dogmática de Marx ou de Althus-
ser) e isto em grande parte graças aos próprios
estudantes, desiludidos pela qualidade do ensino
ministrado e menos desorientados, completamente

8

alheios às matérias a propor.

De agora nos interrogaremos acerca dos
problemas pelos quais manifesta maior interesse
o estudante universitário, uma caracterís-
tica se evidenciaria em geral manifesta uma
repreensão pelo estudo exclusivamente histó-
rico da filosofia. Mesmo o mesmo deus tem
que ser apresentado por uma prisão de actuali-
dade. A filosofia é tomada a sério. ^{e por isso tem q' se} Porque
muitos estudantes e' quase tomada como uma
doutrina de salvação, por ^{deus} ~~deus~~ ^{deus} ~~deus~~
~~o objecto que se~~ ^{representa} a totalidade do
mal e por isso lhes impõe uma via racional de
conduta.

grava a ~~essa~~ atitude

9

(por isso) as questões da filosofia contemporânea
veiculadas por autores como Kierkegaard, Nietzsche,
Heidegger, Levinas, Ricœur, as actuais filosofias dia-
lógicas, a fenomenologia e a hermenêutica, em
que se faz apelo a um sagrado, por vezes
apenas simbólico são estudadas com interesse
e evidenciada a sua dimensão religiosa. Outros
estudantes, embora em menor número, incli-
nam-se para as questões de epistemologia
científica, interessados nas problemáticas de
Popper, Bachelard, Carnap, Wittgenstein e não
com ceticismo qualquer problemática de tipo
metafísico. É neste domínio epistemológico que se mantém
^{ainda}
~~verão~~ o espírito positivista que dominou o século passado e
se mantem, com características diferentes na 1.ª metade deste século.

10

Passamos agora às orientações fundamentais da reflexão filosófica em Portugal. É um assunto pela Universidade, principal instituição geradora de cultura. Não poderemos encontrar linhas da orientação muito bem definidas, mas antes um pluralismo muito acentuado. ~~Na~~

~~esse as orientações já existentes - com o que~~

~~apenas~~ ~~radicalmente~~ ~~nova~~ intensifica-se uma dimensão da antiga disciplina de teoria do conhecimento, dando origem à disciplina de Epistemologia, que é mais do que um nome, pois se transforma em área específica de investigação filosófica. Além disso, como doutrina ^{informadora} ~~informante~~ de investigação e ensino surge, o matematismo dialéctico, hoje já em ^{crise} declínio, como

11

ja' frizamos. Se alguns docentes há, partidários desta orientação, professam-na à margem das correntes dominantes, ^{e inter:} a fenomenologia, e a hermenêutica orientados metafisicamente, as investigações em torno de Kant e do idealismo alemão e ainda ^{embora em m. menor grau} os estudos sobre a história da filosofia em Portugal.

Deixamos para último lugar a Universidade Católica Portuguesa. Com programas de ensino análogo aos das restantes Universidades, os seus estudos filosóficos remontam ao ano de 1934 ^{quando se} e dislocaram em Braga, ~~após~~ no Inst. Sup. de Fil. Bento Ribeiro de Carvalho, então num desenvolvimento na cultura portuguesa uma função ~~estímulo~~ ^{catalizadora} decisiva, apresentando

12

um curso e uma investigação de alta qualidade, unidos numa concepção neotomista, de grande abertura, no espírito de Maréchal, Lotze, Rahner, Max Müller e em íntima ligação com as correntes fenomenológicas e hermenêuticas.

À margem das Universidades, onde um pluralismo de posições filosóficas é por vezes excessivo e da Universidade Católica com a presença inconfundível de valores cristãos, uma orientação está ainda presente na Cultura Portuguesa que não devemos deixar de assinalar: o movimento chamado da Filosofia Portuguesa. A convicção, um pouco hegeliana, de que uma nacionalidade

13

a firma numa cultura própria e esta no
seu núcleo autêntico revê uma conceptual-
ização de ordem filosófica, ^{simultaneamente com} a reflexão sobre
o pensamento de L. Coimbra, o idealismo da Renes-
sance Portuguesa, entre outros factores, levou a
busca, ^{uma filosofia genuinamente nacional} como entranhada na poesia, no teatro,
no romance, na literatura em geral, nas tradições
populares, e ainda em modéstos pensadores pro-
vincianos a filosofos geniais, ~~uma filosofia~~
~~genuinamente nacional~~. Ideias estas do grupo
da filosofia portuguesa exportas frequentemente
em grande bulho literário, mas que não atin-
gem, em minha opinião, formulação conceptual

14

rigorosa, nem justificação histórica adloga da ergotando-se, no melhor dos casos, numa visão poética do mundo. De salientar, porém, junto ao fervor nacionalista, um respeito pelos valores cristãos e mesmo a uma parentia.

Para as dimensões do nosso País, não podemos afirmar que o interesse pela Filosofia seja diminuído. Nunca houve tanta conferência de pensadores estrangeiros, tanto estrangeiros e simpósios como hoje em dia. Não há jornal algum de Letras e Artes que não reserve um espaço, por mínimo que seja, a problemas filosóficos. As revistas de cultura, da Avulsaria ao Vértice, não dispensam a colaboração filosófica. As revistas universitárias,

15

Biblos, Revista da Fac. de Letras de Lisboa, Di-daskalia, inserem produção filosófica de alto nível. Algumas delas, como a Revista da Fac. de Letras do Porto e Arquipélago, da Universidade açoriana, subdividiram-se em série de ciências humanas e série de filosofia. Ao lado destas, uma revista especializada assume importância capital a Revista Portuguesa de Filosofia, da Universidade Católica, que dispensa quaisquer comentários. Mas também outras surgiram, quase sempre de existência efêmera, reunindo grupos, congregando intencões filosóficas incipientes, exprimindo orientações determinadoras. Por exemplo, a Revista da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Análise, Filosofia e Existencialismo

16

Crítica - Rev. de fil. contemporânea e Logos (revista dos prof. de filosofia).

Além de revistas e edições temos ainda algumas sociedades filosóficas: a Sociedade portuguesa de Filosofia, fundada em 1974 e de origem nitidamente marxista; a "Associação portuguesa de estudos kantianos", extensão da alemã Kantgesellschaft, o Centro de Estudos Fenomenológicos e a Sociedade Científica da U.C.P., com a sua secção de filosofia.

Uma referência ainda à filosofia no ensino secundário. ~~Seguida por~~ ^{alguns} excelentes professores, o aumento da população escolar obriga a recrutar como

17

aspectos de ensino individuais com habilitações com-
pletas e outros em que a actividade ideológica
se sobrepõe à do ensino. Com programas mal
elaborados, sem espírito filosófico e que raras vezes
se cumprem, a formação dos alunos secundários
deixa muito a desejar e por vezes é razão de
maior estorvo ^{chegados à} ~~universidade~~ terem a ter
depois pela filosofia e seus problemas. Há que
reforma urgentemente todo este sector de ensino pro-
pediúctico da filosofia.

Toda esta efervescência que se nota na activi-
dade filosófica portugueza se por um lado tracing
algo de positivo por outro lado revela ainda uma in-
segurança de rumos a tomar. Todo este pluralismo,
que em si ^{mesmo} se ~~de~~ voluntar desdobrou-se a triado por dois
polos: um, bem definido, o polo do agnosticism, positivis-
mo e mesmo materialismo; outro, de abertura integral

18

para o que é, de tendência espiritualista, mas ainda insuficientemente definido. A discriminação dos vários planos de reflexão filosófica é ainda pouco nítida, a distinção entre filosofia e outras formas de cultura insuficientemente clara. Além disso esse pluralismo encontra-se, por vezes, contaminado por ideologias 'Há', por, que repensar com o suor do rosto os problemas de hoje e de sempre — observou um dia o Prof. Joaquim de Carvalho (...) para que se desentorpeça a consciência que nos ficou das insipientes positivistas e, acima de tudo se alcance a temperatura que esterilize à nascença os gérmenes das simulações pedantônicas e das improvisações atrevidas". Estas palavras do sombrio mestre apontam bem todo um programa a realizar e fixam com perfeição o projecto que a Universidade de Lisboa e a sua

19

Sociedade Científica e' chamada a realizar.
 Ha' naturalmente filosofias uistas, não-vistas
 e mesmo anti-vistas. Mas enquanto filos-
 fias ^{font court} encontram-se no mesmo plano e o
 dialogo, embora difficil, e' possivel e necessa-
 rio. Ha' ^{ainda} ~~que~~ realizam encontros interdiscipli-
 nares que confrontam e aproximam pontos de vista
 da ciencia e da filosofia; delimitando ^{com rigor} ~~as~~ suas
 áreas de validade. Auto'queis que enlarcem a
 importancia das modernas problemáticas e estabele-
 cam o valor da tradiçao no campo da filosofia.
 E' a um começo desta actividade que a
 SCUCP se esta' consagrando, especialmente pela
 sua leção de filosofia. Os auto'queis sobre "O

pensamento de Leonardo Coimbra", de Novembro de
 1986, sobre "Filosofia e tradição humanística" de
 Outubro de 1987 e o aparecimento, por isto
 para o corrente ano, do 1.º volume de Logos.
Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, destinada
 a definir e esclarecer conceitos, conseguir pontos
 de vista, apresentar o valor possível do pensamento
 luso-brasileiro no campo filosófico e fazer a prospecção
 das actuais problemáticas, são ~~esta~~ disso
 claro testemunho.

Lisboa, 8.2.88

[Handwritten signature]